

## Sartre e os descaminhos da liberdade

Thana Mara de Souza  
Doutoranda em Filosofia – USP / bolsista da FAPESP

No livro *A idade da razão*, publicado em 1945, Sartre nos mostra o personagem Mathieu, professor de filosofia em liceu, diante de uma questão que pode modificar sua vida, e que ao menos é a trama em volta da qual o livro gira: sua amante Marcelle, com quem convivia há mais de 7 anos sem no entanto nada oficializar, estava grávida dele.

Esse homem que não desejava se casar justamente para não se prender a nada, que tinha 34 (ou 35 anos) mas pensava ainda ser livre para tudo, estava agora diante de uma gravidez indesejada - e para preservar sua tão querida liberdade, decide-se rapidamente pelo aborto. Mas durante o desenrolar da trama, à medida que conversa com amigos e os coloca a par de seus problemas, Mathieu tem de se confrontar com várias outras concepções de liberdade que se opõem à dele. E nesse percurso permeado pela crítica, nosso personagem começa a apresentar dúvidas e a questionar o significado que dá à palavra liberdade. No entanto, seriam essas dúvidas suficientes para fazer Mathieu percorrer *os caminhos da liberdade*, título da trilogia da qual *A idade da razão* é apenas o primeiro volume? Os questionamentos que faz são suficientes para fazê-lo sair de sua concepção tão abstrata de liberdade para uma outra que envolva ação, engajamento?

É justamente essa questão que pretendo mostrar agora: estaria Mathieu trilhando os caminhos da liberdade?

Desde o início do romance, Mathieu é colocado diante de algo que não esperava: a gravidez de Marcelle. Mas essa questão tão séria não o perturba quase nada - embora se mostre irritado e indignado por isso ter acontecido, ele não se deixa abalar muito e decide rapidamente pelo aborto, por não ter o filho.

Como eles já tinham conversado há mais de 2 anos sobre esse problema, e achando que ninguém muda de opinião em tanto tempo, Mathieu, sem questionar verdadeiramente sua amante, decide não ter o filho - e nem poderia ter uma reação muito diferente, já que, em alguns poucos momentos antes, sem ainda saber da gravidez, ele defende sua concepção de liberdade.

Diante de uma Marcelle excessivamente crítica e cruel, que o ataca por estar cheio de oportunidades perdidas, por ter como vício e obsessão o gosto por uma liberdade que se mostrava para nada, Mathieu

se defende, diz que não se trata de um vício, mas de uma necessidade, que era preciso preservar sua liberdade, mesmo que fosse para nada fazer com ela. Uma liberdade preservada que não serve para nada, que talvez só sirva para ele alcançar seu ideal de ser nada (como diz Marcelle), lhe é mais fundamental e necessário que uma ação que pudesse diminuir ou impedir essa liberdade. E se é assim, não teria como Mathieu aceitar esse filho e um casamento, ações que anulariam totalmente sua liberdade abstrata mas essencial.

Mathieu decide, portanto, não se casar e abortar o filho que fizera, decide preservar sua liberdade que para nada serve e não efetuar as ações que entrariam em conflito com sua concepção de homem livre; de homem que deseja estar sempre livre para algo, mesmo que esse algo nunca chegue, mesmo que essa liberdade sirva justamente para não assumir esse algo por que tanto espera...

E em vários outros momentos no romance vemos Mathieu ser criticado por essa concepção, por essa vivência abstrata de uma liberdade absoluta. Não só Marcelle o critica, como também seus amigos Daniel e Brunet, seu irmão Jacques e Lola, a cantora de boates e namorada de seu aluno Boris.

Não teremos tempo aqui de analisar cada diálogo em seus pormenores, mas podemos dizer que de modo bastante geral (e mesmo que com algumas diferenças importantes), todos eles criticam a concepção de liberdade de Mathieu, acham-na excessivamente abstrata, metafísica e cobram dele uma ação qualquer, um engajamento, o casamento, o filho ou a entrada no Partido Comunista.

Lola ridiculariza a importância que Mathieu dá a essa liberdade tão fácil de ser conquistada por um burguês: para quem é funcionário público, professor de liceu, para quem tem apartamento só para si, aposentadoria garantida e amante que vive em função dele, era extremamente fácil dizer que não se prende a nada... com todas as garantias que tinha, o que era exatamente não se prender às coisas? Para um burguês que tinha garantias profissionais, econômicas e sentimentais, não passava de um luxo falar de liberdade e despreendimento.

Mas se Lola não fala diretamente com Mathieu, os outros personagens o fazem. Daniel diz diretamente a seu amigo que este deveria aproveitar estar frente a um ato tão radical, que mudaria totalmente sua vida (o que era raro), e se casar com Marcelle, mostrando, desse modo, ser livre, já que a liberdade seria justamente estar apto para transformar-se totalmente.

Sem a radicalidade de Daniel, o advogado Jacques também não compreende essa falsa liberdade de Mathieu, que não implica em

nenhuma responsabilidade. Para seu irmão, toda essa liberdade não passa de um verniz que ocultaria os compromissos que Mathieu já mantém, como, por exemplo, o relacionamento com Marcelle, que incluía todos os privilégios e rotinas de um casamento comum sem, no entanto, as responsabilidades que ele sempre engendra. Até mesmo Brunet, o amigo do Partido Comunista, embora sem o moralismo de Jacques, mostra a Mathieu que este não está no caminho certo, que ele simplesmente estacionara ao se apegar tão fortemente a essa liberdade abstrata.

Todos com quem Mathieu convive o criticam por exhibir, na maior parte das vezes com orgulho, essa liberdade que sempre significa inação, despreendimento e nunca agir e se engajar. Se é verdade que Mathieu se diz livre justamente para esperar por algo importante, por uma ação que valesse a pena ser realizada (se ele arrumasse compromissos agora, não seria mais livre para quando essa ação importante chegasse), todos os amigos pensam que esse acontecimento só aparece no momento mesmo da ação e nunca de modo antecipado e que portanto, ser livre não é esperar, aguardar que algo surja do exterior, mas sim agir, fazer esse acontecimento surgir. E se para Daniel e Jacques a gravidez de Marcelle é uma ótima ocasião para Mathieu se mostrar real e concretamente livre, se para Brunet a guerra da Espanha é a oportunidade para seu amigo se engajar em um partido, este continua a negar, a não querer assumir nada.

É certo que, com um personagem tão intelectual, professor de filosofia, essas tão duras críticas não poderiam passar despercebidas e não fazer nenhum efeito. Mesmo nas muitas vezes em que Mathieu continua a defender sua concepção de liberdade, em que não aceita se casar com Marcelle nem se filiar ao PC (as propostas do irmão e dos amigos), ele não deixa de levar as críticas em consideração.

Seja no decorrer dos diálogos, seja depois, sozinho (e quase sem nunca admitir para quem conversa), Mathieu fica a pensar no quanto sua liberdade se mostra, como todos dizem, para nada, como mera desculpa para não agir. Se defende sua concepção, nunca o faz de modo veemente e com total convicção: por costume, desânimo ou irritação, ele ainda sempre diz que deseja preservar sua liberdade e não se casar nem se filiar ao PC, que ainda espera pela "Ocasião" para poder se engajar.

Mas se nunca vemos uma convicção total, é só com Brunet que Mathieu reconhece ser livre para nada e admira seu amigo que soube, na hora certa, se engajar, encontrar algo em que acreditasse... nosso personagem chega até mesmo a admitir para Brunet que vivera com idéias com as quais não se podia viver. E mesmo assim, não age, diz que é preciso pensar, encontrar razões, que ainda não tinha, para entrar no Partido Comunista.

Mathieu tem momentos de maior defesa de sua concepção de liberdade (principalmente quando conversa com o conservador e moralista Jacques), momentos em que se questiona se realmente seria como os outros o vêem, um homem perdido (principalmente quando está sozinho, sentado no jardim ou no ônibus); e momentos em que finalmente admite defender uma liberdade que não é possível defender... e a cada diálogo esse caminho fica mais patente, a dúvida e admissão do fracasso aumentam.

Depois de defender seus princípios, sua liberdade e não-engajamento para Marcelle, Daniel e Jacques, agora ele admite ser um ser abstrato e não concreto, como seu amigo Brunet era - e a liberdade só podia realmente existir nesse mundo concreto em que os outros viviam. Mas tudo isso seria suficiente para fazê-lo agir, para mudá-lo, para fazê-lo adotar uma liberdade concreta?

Vejamos o que Mathieu faz depois de conversar com Brunet e confessar que era um homem vazio, abstrato...

Após observar com inveja seu amigo, vai à noite na boate onde Lola cantava e onde os irmãos Boris e Ivich o esperavam. Ainda de modo totalmente irresponsável, para negar ser o burguês que era, Mathieu gasta todo o pouco dinheiro que tem comprando uma garrafa de champagne, bebida de que não gostava! O que deseja é justamente esquecer todos os problemas, esquecer que Marcelle não podia mais ter o luxo de se esquecer do filho que carregava; era continuar totalmente livre.

Mas enfim ele age; diante de uma infantil Ivich que corta sua mão para provocar uma vizinha, Mathieu decide também agir, reagir contra todos que o criticaram... de que modo? Irritado, pega o punhal que estava na mesa e o crava em sua mão: faz isso para responder à provocação de Ivich, que o achava "correto e burguês demais", e principalmente para desafiar todos que tinha visto naqueles dias - Jacques, Brunet, Daniel; para mostrar a eles que era capaz de atos radicais, de ação e até de sangue - mesmo que essa ação não passasse de um ato infantil e inútil de cortar a própria mão.

O grande feito de Mathieu para desafiar os que os criticavam foi cravar um punhal em sua mão, em um gesto que, se deixa de ser abstrato, continua a ser totalmente individual e individualista. Nem mesmo aqui ele consegue sair dessa esfera solitária em que a única coisa que importa é si mesmo, é sua liberdade de contrariar a todos e nunca se comprometer com nada.

E é esse o sentido que sua próxima ação também terá. Logo depois de Daniel lhe dizer, no dia seguinte à boate, que Marcelle estava com certo rancor por sempre ser Mathieu quem decidia tudo (mostrando

indiretamente que talvez ela quisesse ter o filho), o que nosso personagem faz é aprofundar sua obsessão pelo aborto: tenta fazer um empréstimo e como não consegue, decide roubar dinheiro de Lola no quarto dela. Mathieu corta a mão com o punhal para mostrar aos amigos e irmão que era capaz de agir; e agora rouba para garantir um aborto sem complicações para Marcelle.

Ironicamente, a ação que todos cobram de Mathieu é enfim realizada, e contra todos eles... o filósofo age justamente para conservar sua liberdade abstrata, ele faz o que os outros lhe pedem para contrariar o que eles querem. Quando finalmente Mathieu age, é para não se engajar com mais nada, é para continuar com sua liberdade que para nada serve, é para rir e dizer que continua um homem livre, um homem que não se compromete com nada, que espera por uma ocasião que nunca chegará, já que ele não deseja agir. De modo totalmente infantil, revoltado, Mathieu rouba e corta sua mão, mostrando que até mesmo a ação pode estar à serviço da liberdade alienada e abstrata.

Se o filósofo age, é para conservar sua passividade, para evitar o comprometimento e a responsabilidade. Com o corte na mão, ele se vinga daqueles que exigiam uma ação... com o roubo e o dinheiro, agora pode garantir à Marcelle o aborto que ela não deseja... e assim, Mathieu continua a se sentir livre, como que indiferente a tudo que todos disseram.

E se depois percebe que ficar livre de Marcelle e do filho não o deixava mais livre, que não estava agora mais livre do que antes, que livres eram Brunet e Daniel que agiam e não ele, Mathieu continua resignado.

A última cena do livro mostra um conforto e uma resignação grandes demais para quem acaba de compreender que sua tão querida liberdade não era impedida pelos compromissos que poderia ter. Mesmo quando Daniel lhe mostra, ao assumir Marcelle e o filho que não era dele, que o compromisso não era contrário à liberdade e nem a impedia, o que Mathieu faz é olhar a calma e bonita noite, é sentar-se na poltrona, tirar os sapatos, o paletó, é desfazer o nó da gravata e pensar, bocejando, que estava na idade da razão. Assim como todas as críticas não foram suficientes para fazer Mathieu agir para alcançar uma liberdade real e concreta, a notícia de Daniel de que ele, um pederasta, iria assumir tudo que o covarde amigo abandonara para manter sua liberdade, também parece não afetar nosso personagem, que confortavelmente se resigna e persiste em continuar nos descaminhos da liberdade.

Talvez apenas uma guerra seja capaz de fazê-lo sair desse torpor abstrato para uma ação que o insira concretamente no mundo... ou talvez nem mesmo uma guerra seja capaz de provocar essa necessária

transformação. E embora não seja nosso intuito, já que nos propusemos a tratar apenas do primeiro volume da trilogia, podemos ao menos indicar que Mathieu continuará, em plena segunda guerra mundial, a defender sua liberdade abstratamente absoluta - e mesmo os tiros que dá na batalha (a última cena de *Com a morte na alma*, terceiro e último livro da trilogia) não o mostram no mundo concreto de uma guerra, mas, do mesmo modo como quando cortara a mão, se vingando do que não conseguira dizer e fazer durante toda sua vida.

Se há "caminhos da liberdade" para o personagem Mathieu, talvez ele seja feito nos descaminhos, nos erros, percalços, nas pedras que não estão no meio do caminho mas são o próprio caminhar.

### **Bibliografia**

SARTRE. L'âge de raison In *Oeuvres Romanesques* - Paris: ed. Gallimard, 1981.